ISSN: 2358-8829

O LIVRO DIDÁTICO DE LEITURA E ESCRITA - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: COMO SE DÁ O TRABALHO COM ANÁLISE E REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA

Alice dos Santos Correia Pontes [1]
Luciana Cardoso Amaral Gama [2]

INTRODUÇÃO

A introdução A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma modalidade de ensino marcada por especificidades que demandam práticas pedagógicas sensíveis às trajetórias, experiências e saberes dos sujeitos que dela participam.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) promove a Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (Confintea) a cada 12 anos, desde 1949, destacando iniciativas globais de educação para adultos. As edições anteriores ocorreram em Dinamarca (1949), Canadá (1963), Japão (1972), França (1985), Alemanha (1997), Brasil (2009), Marrocos (2022). Esse evento internacional ressalta ações voltadas ao ensino de adultos.

A VI Confintea, ocorrida em Belém (PA), Brasil, em dezembro de 2009, foi a primeira edição realizada no hemisfério sul. O documento final do encontro, que contou com delegações de 144 países, ressalta:

> […] estamos convictos de que aprendizagem e educação de adultos preparam as pessoas com conhecimentos, capacidades, habilidades, competências e valores necessários para que exerçam e ampliem seus direitos e assumam o controle de seus destinos. Aprendizagem e educação de adultos são também imperativas para o alcance da equidade e da inclusão social, para a redução da pobreza e para a construção de sociedades justas, solidárias, sustentáveis e baseadas no conhecimento (Conferência Internacional de Educação de Adultos (2010, p. 7).

A declaração estabelece os princípios fundamentais da Educação de Jovens e Adultos (EJA), destacando sua relevância para a construção de uma sociedade mais equitativa. O objetivo é proporcionar a todos, especialmente aqueles que não tiveram acesso ou interromperam a escolarização, a chance de iniciar ou retomar os estudos,

[1]Mestranda do PROFLETRAS pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). alice.correia@aluno.uepb.edu.br;
[2]Mestranda do PROFLETRAS pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). gama.luciana@aluno.uepb.edu.br

independentemente da idade, para que estejam aptos a lidar com o mundo atual e suas rápidas transformações.

Diante de tudo isso, especialmente o ensino de Língua Portuguesa voltada para essa modalidade de ensino deve ultrapassar a mera transmissão de regras gramaticais, assumindo uma perspectiva que compreenda a linguagem como prática social, articulada aos usos reais da língua e às interações entre os sujeitos.

Nas últimas décadas, as propostas de ensino de língua materna têm se orientado por abordagens que privilegiam o trabalho com gêneros textuais e a análise linguística em contextos significativos, buscando superar práticas centradas na memorização e aplicação mecânica de regras. Conforme diz os PCNs (1998):

> É somente a partir de um trabalho efetivo com a linguagem que o professor pode garantir o desenvolvimento das competências linguísticas e sociais do educando. Vale salientar que: o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (Brasil, 1998, p. 15).

Entretanto, observa-se que, no que se refere ao ensino de aspectos gramaticais, ainda persistem, em muitos materiais didáticos, atividades que reproduzem modelos tradicionais, marcados pela fragmentação da linguagem e pela descontextualização dos conteúdos.

Nesse cenário, o livro didático assume um papel central no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo na EJA, já que, muitas vezes, é o único ou o principal recurso pedagógico utilizado em sala de aula. Por essa razão, torna-se fundamental analisarmos de forma crítica, considerando suas potencialidades e limitações.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar o livro didático Nova EJA Moderna – Volume II – 2º segmento – Etapas 7 e 8 (2024), especificamente a seção "Para refletir sobre a língua", a seção "destina-se a estudo, análise e aplicação dos aspectos linguísticos que partem de textos trabalhados no capítulo, de modo que a reflexão sobre a língua seja feita com base em enunciados" (MODERNA, 2024, p. MPO85). Buscaremos investigar em que medida as atividades propostas promovem uma abordagem alinhada a uma concepção sociointeracionista de linguagem que é a prometida pelo livro ou se ainda reproduzem práticas normativas tradicionais de ensino de gramática. Assim diz o Livro Didático (2024):

> Com base nessa noção de gênero e na perspectiva bakhtiniana que considera a linguagem dialógica, interativa e social e o gênero como materialização da utilização da linguagem assim concebida, a metodologia que orienta esta coleção tem enfoque enunciativo-discursivo, pois o gênero é um instrumento cultural, próprio das práticas sociais da linguagem e, ao mesmo tempo, um instrumento didático, que articula a relação entre tais práticas e os objetos de estudo (Dolz; Gagnon; Decândio, 2010). Subjaz, assim, uma concepção sociointeracionista, visão epistemológica presente em diversas áreas do conhecimento, que defende a tese de que as condutas humanas resultam de um processo histórico de socialização, criação e recriação coletiva, com destaque para a produção cultural e as práticas da linguagem. (MODERNA, 2024, p. MP055. GRIFO NOSSO)

Partiremos do seguinte questionamento: De que modo as atividades da seção "reflexão sobre a língua" em um livro didático da Educação de Jovens e Adultos abordam o ensino da língua e em que medida ainda reproduzem práticas normativas tradicionais?

Para nos apoiar nos estudos dos desdobramentos dessa questão, nos apoiamos na concepção de língua sociointeracionista sob as perspectivas de Bakhtin (1986) e Travaglia (2009). Para refletirmos sobre a importância do livro didático levamos em consideração Lajolo (1996) e os apontamentos de Freire (2006) sobre a Educação de Jovens e adultos.

Ressaltamos que este estudo, que surge a partir de ser um dos critérios de avaliação da disciplina Gramática, Variação e Ensino, no cenário do Mestrado Profissional – Profletras, não tem como finalidade desqualificar o material didático analisado, mas contribuir para uma reflexão crítica acerca de suas propostas, visando subsidiar práticas pedagógicas mais conscientes e articuladas a diferentes recursos de ensino, para que o profissional que se depare com este material, sinta-se preparado para utilizá-lo conscientemente como ferramenta de ensino.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para a realização deste estudo, adotamos uma abordagem de natureza qualitativa, do tipo descritiva. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), esse tipo de investigação caracteriza-se pelo registro, descrição e análise de fenômenos, sem a interferência direta do pesquisador, buscando compreender e refletir os dados em seu contexto.

A pesquisa configura-se, ainda, como documental e bibliográfica (GOLDENBERG, 1999; GIL, 2010; SILVA; MENEZES, 2005), uma vez que tem como

objeto de análise um livro didático, especificamente a obra *Nova EJA Moderna – Volume II – 2º segmento – Etapas 7 e 8* (2024), bem como algumas atividades que compõem a seção "Para refletir sobre a língua".

Nessa perspectiva, conforme aponta Gil (2008), a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam tratamento analítico prévio, ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da investigação. Assim, foram selecionadas e analisadas algumas atividades presentes nos capítulos A e B da Unidade 0, com foco no modo como os conteúdos gramaticais são abordados.

Ainda, o presente artigo surgiu a partir de ser critério de avaliação da disciplina do Profletras – Turma 11, "Gramática, Variação e Ensino", ministrada pelo professor Jackson Cícero. Ele nos orientou que fizéssemos uma análise do livro didático usado em nossa sala de aula, escolhêssemos uma seção e observássemos se ela está adequada à proposta do livro. Logo, considerando a importância deste trabalho para o Profletras e para o manuseio do livro didático nas aulas de Língua Portuguesa, o realizamos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A CONCEPÇÃO SOCIOINTERACIONISTA E A VISÃO EPISTEMOLÓGICA

A concepção sociointeracionista da linguagem, influenciada por teóricos como Vygotsky (1987) e Bakhtin (1986), tem uma visão epistemológica que considera a linguagem como um produto social e cultural. Nesse sentido, a linguagem é vista como uma ferramenta para a interação e comunicação humana, moldada pelo contexto social e cultura, é um processo de interação entre indivíduos que compartilham significados e sentidos. Já o conhecimento é construído através da interação social e da linguagem.

Nessa perspectiva, a linguagem não é apenas um sistema de comunicação, mas sim uma ferramenta para a construção da realidade e do conhecimento. Ou seja, usar a linguagem não significa apenas expressar pensamentos ou transmitir informações, mas agir sobre o outro, produzir efeitos de sentido e participar de práticas sociais situadas historicamente. Para Travaglia (2009, p. 23), "a linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico

e ideológico.” Percebe-se, assim, que não há espaço para o ato comunicativo ser compreendido como individual ou mecânico.

Ancorada nos pressupostos bakhtinianos, essa concepção compreende a linguagem como essencialmente dialógica. Conforme afirma Bakhtin (1986):

> “a verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações (cf. nota 7). A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem.” (BAKHTIN, 1986, apud TRAVAGLIA, 2009, p. 23)

Koch e Elias (2011) reforçam essa perspectiva ao afirmar que o sentido de um texto não existe antes da interação, mas é construído no encontro entre texto e sujeitos. A linguagem, nesse quadro, configura-se como uma atividade interativa complexa, que mobiliza não apenas elementos linguísticos presentes na superfície textual, mas também conhecimentos de mundo, saberes socioculturais, experiências individuais e contextos de produção e circulação dos textos.

Logo, o sujeito assume um papel ativo na construção de sentidos, sendo reconhecido como sujeito histórico e social. O texto deixa de ser um objeto fechado e passa a ser compreendido como um espaço de negociação de significados, atravessado por implícitos, inferências, vozes sociais e valores ideológicos, que é o que, de fato, nos interessa, e será levado em conta em nossa intervenção.

O livro didático Nova EJA Moderna segue a concepção sociointeracionista e defende que “a tese de que as condutas humanas resultam de um processo histórico de socialização, criação e recriação coletiva, com destaque para a produção cultural e as práticas da linguagem” (MODERNA, 2024, p.MP055). Tal posicionamento evidencia uma perspectiva que compreende a linguagem como prática social, vinculada aos contextos de uso e às interações entre sujeitos historicamente situados.

Nessa direção, observa-se que a obra, em nível teórico, assume o compromisso com uma abordagem que ultrapassa a visão normativa da língua, priorizando a construção de sentidos em situações reais de comunicação. Ao enfatizar as práticas sociais da linguagem, o material didático aproxima-se de uma perspectiva que valoriza a atuação do sujeito na produção e interpretação dos textos, bem como o caráter dialógico da linguagem.

ISSN: 2358-8829

Entretanto, cabe investigar em que medida essa concepção se efetiva nas atividades propostas, especialmente na seção “reflexão sobre a língua”, considerando que, no ensino de aspectos gramaticais, ainda é recorrente a presença de práticas centradas na normatividade e na aplicação de regras descontextualizadas. E no que diz respeito à EJA, é preciso um olhar ainda mais atento para essas questões.

1.1 O livro didático

O livro didático ocupa um lugar central no contexto escolar, constituindo-se, muitas vezes como principal, ou único, recurso utilizado pelo professor em sala de aula. Por essa razão, é preciso perceber sua influência no processo de ensino e aprendizagem e analisar esse material com criticidade já que é ele quem orienta a seleção de conteúdos, as práticas pedagógicas e as atividades desenvolvidas com os alunos.

Como sugere o adjetivo didático, que qualifica e define um certo tipo de obra, o livro didático é instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem formal. Muito embora não seja o único material de que professores e alunos vão valer-se no processo de ensino e aprendizagem, ele pode ser decisivo para a qualidade do aprendizado resultante das atividades escolares. (LAJOLO, 1996, p.4)

Não pretendemos, neste artigo, desqualificar o uso do livro didático, mas promover uma reflexão crítica acerca de suas propostas, especialmente no que se refere ao ensino de aspectos gramaticais. Nesse sentido, busca-se compreender suas potencialidades e limitações, de modo a contribuir para práticas pedagógicas mais conscientes, que considerem o uso do livro didático de forma articulada a outros recursos e estratégias de ensino.

Ao se tratar do livro didático para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos é preciso um olhar ainda mais crítico para esta ferramenta, considerando as especificidades dos sujeitos que compõem essa modalidade de ensino. Trata-se de um público marcado por trajetórias diversas, experiências de vida e práticas sociais de linguagem que demandam abordagens pedagógicas significativas, contextualizadas e que respeitem seus saberes.

Ao analisarmos o livro escolhido para este trabalho, verificamos que no Manual do Professor, o livro didático Nova EJA Moderna (2024) explicita uma proposta

metodológica para o trabalho com a análise e reflexão sobre a língua, destacando a intenção de abordar as convenções linguísticas a partir dos gêneros textuais estudados. O material promete superar práticas que se limitam à memorização de regras, trabalhando aspectos linguísticos de maneira contextualizada, o que evidencia um alinhamento à perspectiva sociolinguística que valoriza a participação ativa do estudante na construção do conhecimento.

No entanto, investigaremos se essas orientações se concretizam nas atividades propostas ao longo da obra, especificamente, nos capítulos A e B. Isso se torna necessário, porque, conforme apontam estudos na área, é recorrente a presença de materiais que, embora adotem um discurso teórico inovador, mantêm, em sua prática, atividades centradas na aplicação de regras e na fragmentação da linguagem.

1.2 A educação de Jovens e Adultos

A educação de jovens e adultos (EJA) é um campo de trabalho bastante desafiador, uma vez que os professores precisam lidar com turmas diversificadas compostas por alunos de diferentes idades, credos e gêneros. Este convívio é muito importante, porém nem sempre é pautado pela tolerância. Tudo isso exige abordagens específicas e materiais adequados. Como diz Paulo Freire (2003), patrono da Educação e precursor da educação de jovens e adultos:

> “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. E é exatamente esta certeza, que se pode transformar em uma postura crítica, que deve ser transmitida ao educando, para que ele também a sinta e a viva” (FREIRE, 2003, p. 51).

Essa perspectiva destaca a importância de uma educação transformadora, que é especialmente relevante na EJA, já que os alunos que estão nessa modalidade de ensino buscam ressignificar suas trajetórias. A abordagem da "educação libertadora" e do "método Paulo Freire" influenciou profundamente a EJA, enfatizando a conscientização, a participação ativa dos alunos e a educação como prática de liberdade.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que atende a estudantes que não tiveram acesso à educação na idade apropriada. A EJA é organizada em ciclos, que correspondem a séries do ensino fundamental e médio, permitindo que os alunos avancem de acordo com seu ritmo e necessidades. Essa estrutura flexível visa

garantir que jovens e adultos possam concluir sua formação educacional e melhorar suas oportunidades.

É nessa perspectiva que o livro didático se torna uma ferramenta fundamental na EJA, pois oferece suporte para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, essenciais para a inclusão social e profissional dos sujeitos envolvidos nessa modalidade da educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

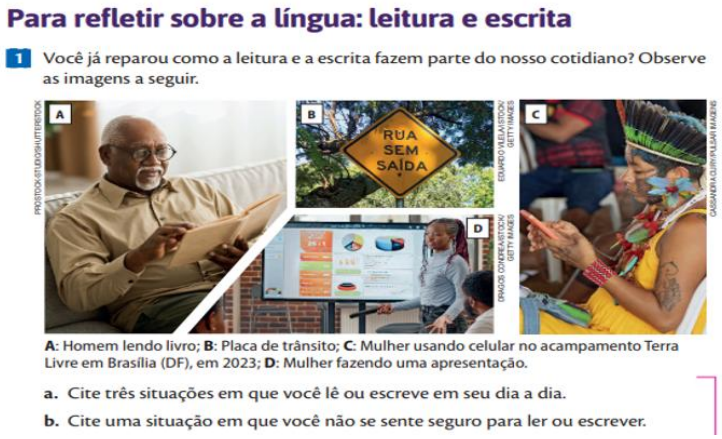
Conforme já apresentado, o livro didático, Nova Eja Moderna – Volume II – 2º segmento – Etapas 7 e 8, que equivale ao Ciclo IV, organiza seus conteúdos a partir de uma proposta que privilegia as práticas de leitura e escrita como atividades sociais. Nesse contexto, a obra apresenta, nos capítulos A e B da Unidade 0, a seção intitulada “Para refletir sobre a língua”, na qual são abordados diferentes conteúdos gramaticais.

Aqui, analisaremos a seção “Para refletir sobre a língua”, a qual, conforme orientações do manual do professor, apresenta uma proposta metodológica que parte da observação de usos linguísticos em contexto, seguida de momentos de reflexão, sistematização e aplicação dos conteúdos. Tal organização sugere, em nível teórico, uma aproximação com abordagens que valorizam o uso da língua e a construção de sentidos.

Nesse sentido, a análise das atividades busca compreender como essa proposta se materializa nas práticas apresentadas, especialmente no que se refere ao tratamento dos conteúdos gramaticais e à relação entre forma, sentido e contexto de uso.

Na figura a seguir, observa-se uma atividade que propõe a reflexão sobre a presença da leitura e da escrita no cotidiano. Tal proposta evidencia uma tentativa de contextualização do ensino, aproximando-o das experiências dos estudantes.

Figura 1 - Atividade da seção “Para refletir sobre a língua: leitura e escrita”



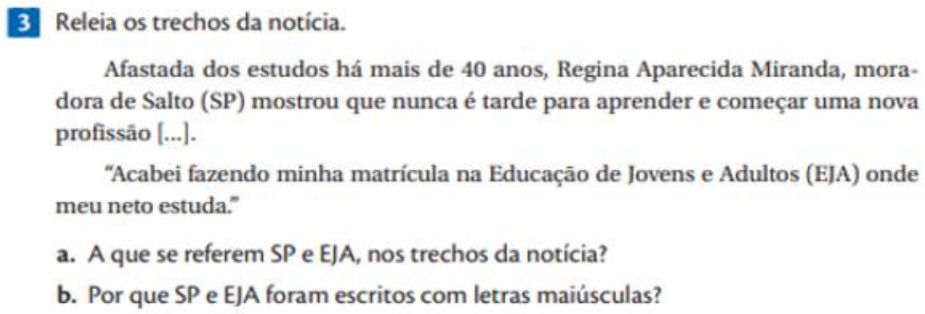
Fonte: Nova EJA Moderna (2024, p. 14, com adaptações).

Essa é uma atividade inicial que se configura como um momento de contextualização e sensibilização, observa-se que ela ainda não promove, de forma mais aprofundada, a reflexão sobre os recursos linguísticos em si, funcionando mais como uma introdução temática do que como uma atividade de análise linguística propriamente dita. Porém, não podemos deixar de notar que é uma atividade que parte de situações concretas de uso da linguagem, o que indica uma tentativa de contextualizar o ensino e aproximá-lo das vivências dos estudantes. Vê-se, assim, uma “forma de chamar a atenção do aluno para a real função da língua na vida diária e nos seus modos de agir e interagir” (Marcuschi, 2008, p.56).

Além disso, ao solicitar que os alunos identifiquem situações em que utilizam a leitura e a escrita no dia a dia, a proposta favorece a ativação de conhecimentos prévios e a valorização das experiências individuais, aspecto que é relevante no contexto da Educação de Jovens e Adultos.

Na próxima atividade da seção, apresenta-se uma atividade voltada a estudo do uso da letra maiúscula. A atividade parte da releitura de um trecho de notícia apresentado anteriormente, a partir do qual os estudantes devem identificar palavras grafadas com inicial maiúscula e refletir sobre seu uso no texto.

Figura 2 - Atividade da seção “Para refletir sobre a língua: leitura e escrita”



3 Releia os trechos da notícia.

Afastada dos estudos há mais de 40 anos, Regina Aparecida Miranda, moradora de Salto (SP) mostrou que nunca é tarde para aprender e começar uma nova profissão [...].

"Acabei fazendo minha matrícula na Educação de Jovens e Adultos (EJA) onde meu neto estuda."

a. A que se referem SP e EJA, nos trechos da notícia?

b. Por que SP e EJA foram escritos com letras maiúsculas?

Fonte: Nova EJA Moderna (2024, p. 17)

A atividade apresentada trabalha o uso de letras maiúsculas a partir de uma notícia e pede que os estudantes identifiquem palavras como “Regina”, “Tarcísio”, “Salto”, “SP” e “EJA”, expliquem seu uso e, ao final, consultem um quadro com a sistematização da regra.

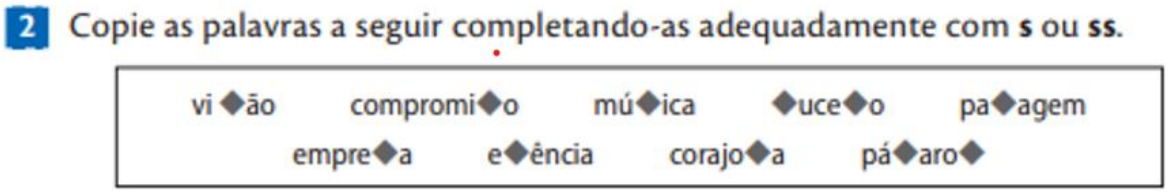
É positivo o fato de que a atividade não parte de frases soltas e inventadas, mas de um gênero de circulação social. Isso demonstra uma tentativa de aproximar o conteúdo gramatical com um contexto de uso real da linguagem, mostrando coerência com a proposta do livro.

Entretanto, quando se observa o decorrer da atividade, percebe-se que a contextualização inicial não se sustenta plenamente. As perguntas conduzem o aluno principalmente à identificação, localização e justificativa normativa do uso da letra maiúscula. Em vez de explorar por que esses usos são relevantes para a construção de sentido no gênero notícia, a atividade direciona a atenção para o reconhecimento de categorias como nome de pessoa, município, etapa escolar e sigla. Assim, o texto funciona mais como suporte para localizar exemplos da convenção do que como espaço para uma reflexão mais ampla sobre os efeitos discursivos desse recurso. Para Geraldi (2011) “é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças” (GERALDI, 2011, P.35).

Na Figura 3, a seguir, apresenta-se a atividade 2 da seção “Para refletir sobre a língua”, que tem como objetivo trabalhar o uso das letras “s” e “ss”. A proposta solicita que os estudantes completem palavras com as grafias adequadas, a partir de lacunas previamente estabelecidas, direcionando a atenção para aspectos ortográficos específicos

da língua. Trata-se de uma atividade que focaliza a identificação e aplicação de convenções linguísticas, a partir de um conjunto de palavras isoladas;

Figura 3 - Atividade da seção “Para refletir sobre a língua: leitura e escrita”



Fonte: Nova EJA Moderna (2024, p. 21)

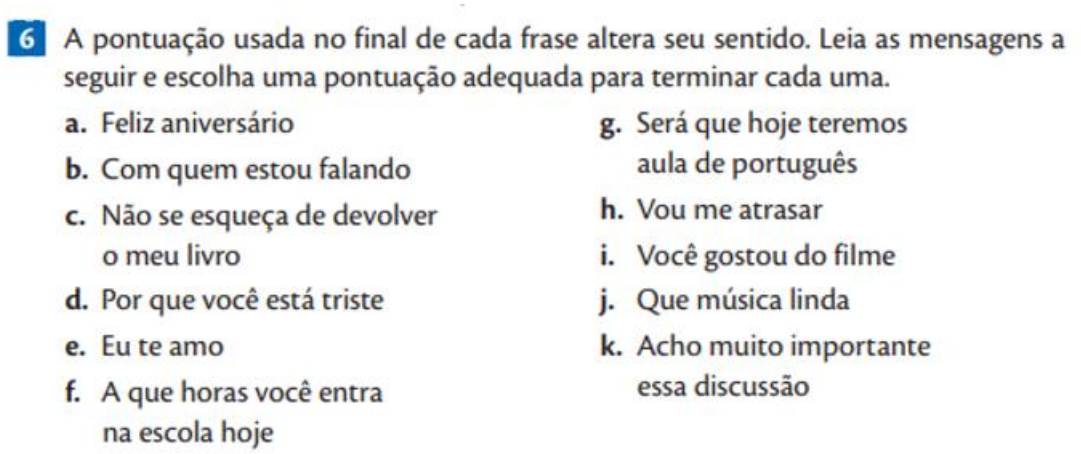
A questão acima é um exemplo de atividade que prioriza a identificação e o preenchimento correto das grafias, conduzindo o aluno a um exercício mecânico, centrado na memorização e aplicação de convenções. Tal configuração aproxima-se de uma perspectiva tradicional de ensino de gramática, na qual os conteúdos são trabalhados de forma fragmentada e descontextualizada. Práticas desse tipo tendem a utilizar a língua de maneira artificial, afastando-se do uso efetivo e significativo da linguagem. Além disso, conforme Irandé Antunes (2014), o ensino de aspectos gramaticais deve estar articulado à construção de sentidos nos textos, e não restrito à identificação de formas isoladas.

Desse modo, a atividade analisada evidencia uma ruptura em relação à proposta apresentada pelo material didático, uma vez que não promove a reflexão sobre o funcionamento da língua em contextos reais, limitando-se à aplicação de regras o que reforça a presença de práticas tradicionais no ensino de gramática, mesmo em materiais que, em nível teórico, se alinham a perspectivas mais contemporâneas de linguagem.

A próxima atividade, possui semelhanças com a apresentada anteriormente, porém, percebe-se uma preocupação maior em mobilizar estruturas linguísticas frequentes no cotidiano, envolvendo diferentes tipos de enunciados, considerando que a proposta solicita que os estudantes leiam diferentes enunciados e escolham a pontuação mais adequada para cada caso, considerando possíveis variações de sentido.

ISSN: 2358-8829

Figura 4 - Atividade da seção “Para refletir sobre a língua: leitura e escrita”



6 A pontuação usada no final de cada frase altera seu sentido. Leia as mensagens a seguir e escolha uma pontuação adequada para terminar cada uma.

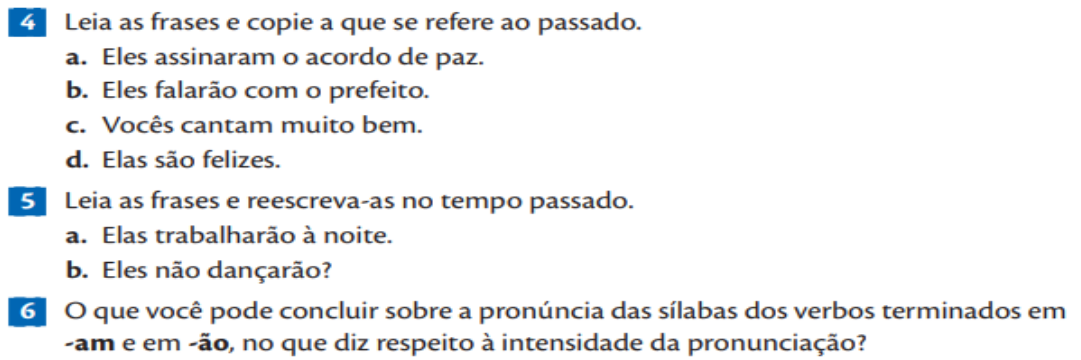
a. Feliz aniversário
b. Com quem estou falando
c. Não se esqueça de devolver o meu livro
d. Por que você está triste
e. Eu te amo
f. A que horas você entra na escola hoje
g. Será que hoje teremos aula de português
h. Vou me atrasar
i. Você gostou do filme
j. Que música linda
k. Acho muito importante essa discussão

Fonte: Nova EJA Moderna (2024, p. 35)

A atividade analisada apresenta um avanço em relação a propostas puramente mecânicas, ao indicar que a pontuação pode alterar o sentido dos enunciados. Ao propor frases como “Você gostou do filme” ou “Que música linda”, enxerga-se a possibilidade de o estudante refletir sobre diferentes entonações e intenções comunicativas, como afirmação, pergunta ou exclamação, o que se aproxima de uma abordagem que considera o uso da linguagem em seus diversos contextos comunicativos. Porém, é preciso que a figura do professor esteja atenta a essa nuance e perceba o potencial da questão, pois sozinha não surtirá pleno efeito ao aluno.

Encerrando este capítulo de análise e discussões, a última atividade apresentada propõe-se trabalhar a identificação e reescrita de verbos no tempo passado, bem como a distinção entre as terminações “-am” e “-ão”, evidenciando uma abordagem centrada na manipulação de formas linguísticas de maneira isolada.

Figura 5 - Atividade da seção “Para refletir sobre a língua: leitura e escrita”



4 Leia as frases e copie a que se refere ao passado.
a. Eles assinaram o acordo de paz.
b. Eles falarão com o prefeito.
c. Vocês cantam muito bem.
d. Elas são felizes.

5 Leia as frases e reescreva-as no tempo passado.
a. Elas trabalharão à noite.
b. Eles não dançarão?

6 O que você pode concluir sobre a pronúncia das sílabas dos verbos terminados em **-am** e em **-ão**, no que diz respeito à intensidade da pronunciação?

Fonte: Nova EJA Moderna (2024, p. 40)

A questão 4 propõe que os estudantes identifiquem, entre diferentes frases, aquela que se refere ao tempo passado. Para isso, são apresentados enunciados como “Eles assinaram o acordo de paz” e “Eles falarão com o prefeito”, exigindo que o aluno reconheça marcas temporais expressas pelas formas verbais. Essa proposta se baseia no reconhecimento de estruturas gramaticais específicas, a partir de frases isoladas, sem a intenção de inserção em contextos discursivos mais complexos. Dessa forma, o foco recai sobre a forma verbal, e não sobre os efeitos de sentido produzidos pelo uso do tempo verbal em diferentes situações comunicativas.

Na questão 5, é solicitado que os estudantes reescrevam frases no tempo passado, como em “Elas trabalharão à noite” e “Eles não dançarão?”, transformando-as em suas formas correspondentes. Aqui, percebemos uma ênfase na manipulação direta de estruturas linguísticas, conduzindo o aluno à aplicação de regras de conjugação verbal. Isso limita a compreensão do uso desses tempos, reduzindo a atividade a um exercício de substituição de formas, o que a aproxima das práticas tradicionais de ensino.

Já a questão 6 exige que os estudantes concluam sobre a pronúncia das sílabas dos verbos terminados em “-am” e “-ão”, considerando a intensidade da pronúncia. Essa proposta até tende a mobilizar uma reflexão sobre aspectos fonológicos da língua, porém não apresenta suporte contextual suficiente para permitir que o estudante relacione essa distinção a situações reais de uso da linguagem. Assim, a reflexão permanece em um nível mais abstrato, pouco articulado à construção de sentidos em textos.

Desse modo, o conjunto dessas questões reforça a presença de um ensino voltado à normatividade, evidenciando, mais uma vez, a tensão entre a proposta teórica do material didático, que se alinha a uma concepção sociointeracionista de linguagem, e as práticas efetivamente apresentadas nas atividades de reflexão sobre a língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da seção "Para refletir sobre a língua" do livro didático “Nova Eja Moderna” – Volume II – 2º segmento – Etapas 7 e 8, 1ª edição, 2024, revela uma tensão significativa entre a proposta teórica de valorizar o uso da língua em contextos reais e as práticas efetivamente apresentadas nas atividades analisadas das seções "Para refletir

sobre a língua". Embora algumas atividades partam de textos autênticos e busquem contextualizar o ensino, aproximando-o das vivências dos estudantes, muitas delas acabam priorizando a identificação e aplicação de regras gramaticais de forma isolada e descontextualizada. Isso se aproxima de abordagens tradicionais de ensino de gramática, contrastando com as perspectivas de Geraldi (2011) e Irandé Antunes (2014), que defendem o ensino de gramática articulado à construção de sentidos nos textos, indo de encontro, também, com a própria perspectiva de ensino de língua pretendida pelo livro.

Nesse sentido, os resultados da nossa análise evidenciaram que o material didático precisa avançar na promoção de reflexões mais amplas sobre os efeitos discursivos dos recursos linguísticos, superando a mera aplicação mecânica de convenções e aproximando-se de uma abordagem mais contextualizada e significativa da linguagem. Tal constatação responde ao problema de pesquisa, ao indicar que as atividades analisadas promovem apenas parcialmente uma abordagem interacional da linguagem, ainda reproduzindo, em diversos momentos, práticas normativas.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos, essa questão torna-se ainda mais relevante, uma vez que os estudantes demandam práticas pedagógicas significativas, que dialoguem com suas experiências e promovam o uso efetivo da linguagem em situações reais. Assim, o uso de atividades descontextualizadas pode limitar o desenvolvimento de competências linguísticas mais amplas e críticas.

Reforçamos que o presente estudo não tem como objetivo desqualificar o livro didático analisado, mas contribuir para uma reflexão crítica acerca de suas potencialidades e limitações. Destacamos, portanto, a importância de que o professor utilize esse material de forma consciente e articulada a outras estratégias pedagógicas, ampliando as possibilidades de ensino e promovendo uma abordagem mais contextualizada da linguagem.

Por fim, esperamos que este trabalho possa contribuir para o debate sobre o ensino de língua na EJA, incentivando a construção de práticas que efetivamente articulem o ensino de gramática à produção de sentidos e às práticas sociais de linguagem.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Livro didático; Ensino de gramática; Abordagem sociointeracionista; Linguagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Gramática Contextualizada: limpando o "pó das ideias simples**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Livro didático de português: múltiplos olhares** [livro eletrônico]. Campina Grande: EDUFCG, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2011.

GIL, A. C. (2008). **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas.

GIL, A. C. (2010). **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas.
GOLDEN-BERG, M. (1999). **A Arte de Pesquisar.** Rio de Janeiro: Record.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria**. Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2011.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa. **Livro didático: um (quase) manual de usuário.** *Em Aberto*, Brasília, ano 16, n. 69, p. 3–9, jan./mar. 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Nova EJA Moderna leitura e escrita: volume II / organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora responsável Marina Sandron Lupinetti. -- 1. ed. -- São Paulo: Moderna, 2024.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. (2013). **Metodologia do trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ISSN: 2358-8829